



Além do hibridismo jornalístico e literário: reconfigurações narrativas percebidas na biografia e no livro-reportagem¹

Diana de AZEREDO²

Ricardo DÜREN

Vanessa Costa de OLIVEIRA

Daiana Stockey CARPES

Demétrio de Azeredo SOSTER³

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS

RESUMO

Este artigo observa as reconfigurações decorrentes da utilização, por parte do jornalismo, de recursos da narrativa de natureza literária que acabam por transformar tanto o que é da ordem do jornalismo como da literatura, em uma perspectiva dialogal. O objeto de análise são os livros-reportagens e as biografias de natureza jornalística. Analisa-se, por meio de trabalho de grupo de pesquisa, as apropriações que o jornalismo faz da literatura para construir este modelo de narrativa, suas processualidades, bem com as gerações de sentido que se estabelecem a partir da aproximação dos dois campos do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: narrativas; jornalismo; livro-reportagem; biografias.

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Integrantes do grupo de pesquisa “Jornalismo e literatura: narrativas reconfiguradas”, que se estabelece, de um lado, entre o Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, e o Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), e-mails: azeredo_diana@yahoo.com.br; ricardo@gazetadosul.com.br; vanessadeoliveira31@hotmail.com; daiacarpes@hotmail.com.

³Orientador do trabalho e coordenador do grupo de pesquisa. Professor do curso de Jornalismo da Unisc, e-mail: dsoster@uol.com.br



1 O que nos move

Este artigo se estabelece a partir de projeto de pesquisa em andamento, que pretende observar, no âmbito da graduação em jornalismo, e do mestrado em letras, os sentidos que emergem da intersecção de dois modelos de narrativa – a jornalística e a literária. Essas reconfigurações aparecem em formatos específicos de publicação de natureza jornalístico-comunicacional, genericamente chamados de livros-reportagem e biografias jornalísticas.

Livros-reportagens são, na categorização de Pereira Lima, “(...) veículos de comunicação impressa não-periódicos que apresentam reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” (2009, p.26). Ou, por outras palavras, relatos mais amplos e estilisticamente mais elaborados, sem, contudo, perder sua natureza comunicacional, que aqueles usualmente encontrados nas páginas dos jornais e revistas impressos.

Pensado em sua relação com o livro convencional, o livro-reportagem é diferente sob pelo menos três aspectos (PEREIRA LIMA, 2009, p. 27-28):

a) Quanto ao conteúdo: o objeto de abordagem que trata o livro-reportagem corresponde ao real, ao factual.

b) Quanto ao tratamento: compreendido tratamento como linguagem, montagem e edição de texto, a abordagem é jornalística, mas com uma maior maleabilidade textual.

c) Quanto à função: as de natureza comunicacional, ou seja, informar, orientar, explicar, para ficarmos em três.

Esses textos tratam-se, portanto, de um modelo de publicação que, diferentemente das narrativas especificamente literárias, são estabelecidas a partir de técnicas e critérios jornalísticos, e têm, na natureza dos acontecimentos se realizando, sua razão e forma de ser. Como objeto de estudo, interessa, portanto, à formação em jornalismo.

Com as biografias de natureza jornalística, ou livros-reportagem-biografia, na categorização de Pereira Lima (2009), ocorre algo semelhante, ou seja, debruçam-se, a exemplo do que ocorre com seus pares literários, ou de outras áreas do conhecimento, sobre o perfil de determinado personagem. No entanto, em suas ofertas de sentido, se utilizam de lógicas operacionais e discursivas jornalístico-comunicacionais, sem



prescindir de uma narrativa mais elaborada que a dos relatos jornalísticos convencionais.

Trata-se de uma forma de narrativa que, a exemplo dos livros-reportagens, vem demonstrando cada vez mais interesse por parte de quem lhe acessa. Bruck (2009, p.39) reconhece a “força que a prática biográfica ganhou em vários países do mundo, principalmente nas duas últimas décadas”. De acordo com ele, a massificação e a instantaneidade da informação, somadas à crise nos referenciais ideológicos, justificam a emergência do gênero biográfico.

As razões para esta emergência do biográfico nas diversas áreas em que se manifesta – história, jornalismo, literatura e outras – devem ser compreendidas a partir de análises mais amplas no que diz respeito ao contexto social contemporâneo marcadamente de revalorização de trajetórias individuais como forma de inspiração e compreensão do presente, em função de intensos processos de apagamento de referenciais ideológicos e de valores, até então, demarcadores importantes da compreensão do mundo pelos homens (BRUCK, 2010, p. 23).

Apesar de interessarem ao público leitor e receberem destaque no mercado editorial, as biografias carecem do olhar da comunidade acadêmica. Questões que envolvem o processo biográfico, como os recursos e valores dos quais se utilizam os biógrafos, são objeto de pouca atenção por parte de quem pesquisa (ou ensina, diríamos) como observa Vilas Boas (2002, p. 12):

Infelizmente, estudos sobre biografias são ocasionais nas universidades brasileiras. Iniciativas isoladas tangem o gênero apenas como parcela secundária ou complementar de pesquisas, sem se deter nos milhões de leitores interessados no gênero, nos méritos e nas fraquezas dos biógrafos, nas interpretações conflitantes dadas a uma única *persona*, nos limites e nas possibilidades desse vasto e extraordinário campo. Tampouco se encontra à disposição uma teoria biográfica geral ou uma história da biografia no Brasil.

Semelhante ocorre com o conceito de livro-reportagem que, conforme Pereira Lima (2009, p. 9), “precisa ser construído”. Ele percebe a obra como um subsistema híbrido do sistema jornalismo e do sistema editorial. Porém, exemplifica a ausência de referências ao livro-reportagem nas produções acadêmicas.

Considerando esse cenário, a pesquisa adquire particular relevância para a formação de alunos de jornalismo à medida que busca observar o que ocorre ao jornalismo, e à literatura, quando as áreas dialogam por meio do suporte livro. Em particular, é necessário reconhecer o momento evolutivo no qual esse fenômeno ocorre. Denominada midiaticizada, essa época é marcada por uma profunda imersão tecnológica



da sociedade, que reconfigura lugares e formas de dizer e que exige novas gramáticas explicativas.

Beatriz Sarlo, citada por Bruck (2009, p. 31), aponta a aceleração que afeta a memória e a lembrança, presente na “cultura da velocidade e da nostalgia, do esquecimento e da comemoração”. É nesse contexto que ela também percebe a intensificação da publicação de títulos biográficos ou autobiográficos.

O novo milênio começa nesta contradição entre um tempo acelerado, que impede o transcorrer do presente, e uma memória que procura tornar sólido esse presente fulminante que desaparece devorando-se a si próprio (apud BRUCK, 2009, p. 31).

Compreender os sentidos que emergem deste modelo de narrativa, seja na forma de livro-reportagem ou de biografia, implica avançar, quem sabe, na análise dos formatos textuais em uma perspectiva interdisciplinar para além das especificidades de uma ou outra área do conhecimento. Ou seja, o que se pretende é observar as narrativas estabelecidas a partir da confluência de textos e técnicas aparentemente distintas, neste caso a jornalística e a literária, que, juntas, permitem panoramas diferenciados.

2 Essência do problema

Observar as complexificações e os sentidos que se estabelecem a partir da imbricação das narrativas jornalísticas sob a forma de livros-reportagem e bibliografias de natureza jornalística implica considerar, de um lado, o cenário em que a referida metamorfose se estabelece, midiaticado, enquanto que, de outro, onde se encaixam estes modelos de texto em uma perspectiva de estudos de gêneros. A abordagem pelo viés dos gêneros se apresenta como estratégia para compreendermos reconfigurações que emergem destas narrativas, à medida que nos permite observá-los em sua particularidade e relacionalmente. Começemos pelas questões de cenário.

A abordagem pelo viés da midiaticação, e nela, da midiaticação do jornalismo, permite-nos compreender como determinados modelos de jornalismo parecem se revigorar em ambientes específicos, neste caso, e até certo ponto de forma paradoxal, em um cenário de profunda imersão tecnológica. Jornalismo midiaticado é aquele cujos dispositivos, mais que vetores de midiaticação, são atingidos pela processualidade desta, midiaticando-se. Por midiaticação vamos compreender a criação de novas ambientações a partir de uma profunda imersão de natureza tecnológica, social e discursiva da sociedade (SOSTER, 2008, 2009, 2009-a).



Vejam os cada uma das características que compõem o jornalismo que denominamos midiático:

AUTORREFERÊNCIA – Pode ser percebida quando as operações discursivas dos dispositivos jornalísticos estão voltadas, por meio de marcas, para o próprio texto que as compõem, explicando suas operações (geralmente por meio do uso de verbos de apoio) e estabelecendo, assim, novos vínculos. Por exemplo: “Conforme apurou nossa reportagem”.

CORREFERÊNCIA – A correferência se estabelece à medida que as operações do sistema midiático-comunicacional estão voltadas para o interior do próprio sistema e os dispositivos que compõem este também passam a estabelecer diálogos cada vez mais frequentes entre seus pares. Unem-se, com isso, dois nós do sistema, sendo que o fio condutor entre um e outro é a comunicação. Isso se verifica quando um jornal cita uma revista como fonte de sua matéria, por exemplo.

DESCENTRALIZAÇÃO – A partir do momento em que os jornais e revistas impressos, por exemplo, passam a se estabelecer, antes, como nós e conexões de uma rede, e a internet possui papel fundamental nesta processualidade, o lugar hegemônico que ocupavam até bem pouco tempo fragiliza-se, descentralizando-se. É o que ocorre, por exemplo, quando programas da Rede Globo, caso do Jornal Nacional, até há pouco hegemônicos em seus horários e perfis, têm de disputar espaço e reconhecimento com produtos de empresas até então tidas como “menores”, caso da Record.

DIALOGIA – É a característica do jornalismo midiático que mais interessa a nossos propósitos. Trata-se do movimento que se verifica junto aos campos do conhecimento em uma perspectiva de sociedade midiática. Por este viés, os campos vão buscar em outras áreas do conhecimento os elementos que irão garanti-los enquanto campo. Mais que uma hibridização, tem-se a instauração de uma nova realidade sócio-discursiva, que complexifica lugares.

É o que ocorre, por exemplo, quando o jornalismo vai buscar na literatura, por meio de reportagens ou livros-reportagem, o substrato para sua própria manutenção enquanto jornalismo, o mesmo ocorrendo com a literatura. É o que se percebe, a título de ilustração, quando escritores passam a se valer, cada vez mais, de dispositivos como jornais e revista para emprestar sentido e amplitude aos seus relatos, que acabam por se transformar nesta relação. Isso já ocorria desde pelo menos os folhetins, é bem verdade, mas não com a intensidade que se verifica hoje.



É particularmente pelo viés da dialogia, que encontramos sentido na emergência de determinados gêneros discursivos do jornalismo, caso do diversional e interpretativo. É neles que os relatos dos livros-reportagem e das bibliografias de natureza jornalística encontram suas bases. Compreendê-los requer alguma atenção quanto à sua genealogia.

Assim, é válido observar que, ainda no final de década de 80, quando José Marques de Melo propôs uma releitura das categorias e gêneros jornalísticos, sua preocupação recaiu sobre as propriedades discursivas de cada mensagem (forma, conteúdo e temática). Ele entendia que este olhar permitiria observar com mais clareza as relações sócio-culturais (emissor/receptor), bem como as questões de natureza político-econômicas (instituições/estado/corporações etc.) que integram o universo jornalístico.

Marques de Melo propôs uma classificação dos gêneros jornalísticos brasileiros a partir da articulação de dois núcleos:

a) Intencionalidade por meio da qual se configuram os relatos. Instância onde se inserem duas vertentes: a reprodução do real e a leitura do real. No primeiro caso, diz respeito a saber o que se passa; no segundo, o que se pensa sobre o que passa. De um lado, a informação. De outro, a opinião.

b) Buscando identificar os gêneros a partir da natureza estrutural dos relatos. Toma-se, aqui, a articulação que existe entre os acontecimentos, sua expressão jornalística (ligada aos relatos) e a consequente leitura dos mesmos

Tem-se, assim, identificadas basicamente duas categorias¹ na narrativa jornalística: informativo e opinativo. Pertence à categoria informativo o relato dos acontecimentos a partir de uma técnica específica (jornalística). Inserem-se nesta os formatos de texto conhecidos como nota, notícia, reportagem e entrevista. No opinativo, ou naqueles textos que dizem respeito ao que se pensa sobre determinado acontecimento, inserem-se os editoriais, comentários, artigos, resenhas, crônicas, cartas, colunas e caricaturas (MARQUES DE MELO, 2010, p. 33).

¹ A distinção entre categoria e gênero está em aberto desde há muito. As ciências sociais, por exemplo, referem-se a categoria como o conjunto de pessoas com características de comportamento semelhantes, que nos permitam identificá-las como pertencentes a um determinado grupo (JOHNSON, 1997). A noção de gênero, nesta perspectiva, refere-se às características individuais dos componentes destes grupos. No caso do jornalismo (Marques de Melo, 1985), categoria é um conceito que define, em perspectivas e níveis diversos, domínios do conhecimento e da ação. Os gêneros, por sua vez, dizem respeito às formas que utilizamos para nos expressarmos nestes domínios. O traço definidor do gênero é o estilo; a forma com que se escreve. Assim, doravante, quando nos referirmos a categoria jornalística ela será informativa, interpretativa, diversional, opinativa etc, enquanto que gênero dirá respeito às variações estilísticas de uma e outra forma (por exemplo, o gênero editorial na categoria opinativo).

¹ Entenderemos identidade como um “(...) critério relacional segundo o qual o emissor e o receptor se aproximam ou se distanciam em afinidades ou em diferenças (Waismann). Quanto mais próximos, mais identidade; quando mais díspares e distantes, mais diferenças, e, portanto, menos identidade na relação”. (Iasbeck, 2009, p. 174)



Observe-se que a classificação proposta por Marques de Melo, comparada com a de Luiz Beltrão, não contempla a categoria jornalismo interpretativo, e que ambas não incluem o jornalismo diversional. Se, para Beltrão, o jornalismo interpretativo, como sinônimo de reportagem em profundidade, era identificável na década de 80, para Marques de Melo não havia motivo para individualizar esta categoria. A explicação: “Entendemos que a interpretação (enquanto procedimento explicativo, para ser fiel ao sentido que lhe atribuem os norte-americanos) cumpre-se perfeitamente a partir do jornalismo informativo” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 48).

Quanto ao jornalismo diversional, aqui entendido como o jornalismo que se vale de técnicas literárias para construir seus discursos, Luiz Beltrão não o incluiu em sua classificação porque, apegado a uma perspectiva analítica funcionalista, entendia que a função do jornalismo era informar, explicar e orientar, e não divertir. Já Marques de Melo considerava esta categoria “não legitimada nos círculos acadêmicos brasileiros e muitas vezes confundida com o jornalismo interpretativo nos ambientes profissionais” (Ibidem, p.21)

José Marques de Melo, no entanto, em releitura à sua própria categorização, não apenas reconhece a existência das categorias interpretativo e diversional no jornalismo brasileiro atual como acresce um quinto elemento à sua classificação: a do jornalismo utilitário, composto por informações de natureza utilitária, caso dos necrológicos, que usualmente se encontravam junto às notícias. Tem-se, portanto, cinco categorias jornalísticas: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário.

Dito isso, vejamos como se conceituam o jornalismo interpretativo e diversional.

Pode-se considerar como jornalismo interpretativo aquele que, a partir do grau de noticiabilidade dos acontecimentos e liberdade estilística, permite não apenas o posicionamento do autor do texto como uma interpretação mais contextualizada do conteúdo por parte de quem tenha acesso a ele. Ou, nas palavras de Beltrão (1980), como sinônimo de reportagem em profundidade. Jornalismo diversional, por outro lado, será aquele que se vale de recursos que são próprios da literatura para construir seus relatos.

A natureza diversional desse novo tipo de jornalismo está justamente no resgate das formas literárias de expressão que, em nome da objetividade, do distanciamento pessoal do jornalista, enfim, da padronização da informação de atualidade (...), foram relegadas a segundo plano, quando não completamente abandonadas (MARQUES DE MELO, 1985, p. 22).

Ou, sob um viés mais recente, diversional é tomado como sinônimo de jornalismo literário, literatura de realidade ou não ficcional, jornalismo em profundidade ou jornalismo de autor. Pode-se inserir nesta classificação a sub-categoria livro-reportagem, nos moldes propostos por Pereira Lima (2009), aqui visto como uma narrativa que se constrói igualmente com técnicas próprias do jornalismo e da literatura, sem os constrangimentos dos modelos tradicionais.

Trata-se, como o nome sugere, de um modelo de narrativa que, arcada no “real”, tem como objetivo, antes, entreter que informar ou opinar, mas não prescinde destes gêneros e que se baseia nas categorias singular/universal/particular para estruturar seus discursos. Ou seja, é um modelo de texto onde se estabelece a comunicação narrativa (LOPES; REIS, 1988), formato que solicita a quem o lê uma “resposta interpretativa”, e que, a exemplo do que se verifica na narrativa literária, é levada a cabo antes pelo narrador que pelo autor, aqui entendido como aquele que dá vida ao narrador.

A definição do conceito de narrador deve partir da distinção inequívoca relativamente ao conceito de auto, entidade não raro suscetível de ser confundida com aquele, mas realmente dotada de diferente estatuto ontológico e funcional. Se o autor corresponde a uma entidade real e empírica, o narrador será entendido fundamentalmente como o autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa (LOPES; REIS, 1988, p.61).

De acordo com essa conceituação, os textos de revistas como a mítica Realidade e a contemporânea Piauí podem ser considerados de natureza interpretativa, enquanto que livros como *Hiroshima*, de John Hersey, (Cia das Letras, 2002) e *A sangue frio*, de Truman Capote (Cia das Letras, 2003), diversional. No primeiro caso, encontramos relatos que, com liberdade estilística, mas fincados na atualidade, permitem-nos interpretar os acontecimentos se realizando. No segundo, relatos que não têm compromisso como a realidade imediata e que buscam, sobretudo, emprestar ao jornalismo características cognitivas outras que não a informação e a interpretação, caso do entretenimento².

² Em uma perspectiva sistêmica, a condição de entretenimento, que nos textos de natureza diversional é alcançada por meio de recursos como digressões, feedbacks e diálogos, tem a função de provocar o exacerbamento da realidade contida nestes relatos. O **entretenimento**, no sistema midiático, tem, dessa forma “(...) um papel estratégico ao reforçar as representações da realidade por meio da separação que o receptor faz entre ficção e realidade, ou, mais precisamente, na negação da realidade dentro do entretenimento. Paradoxalmente a realidade se constitui como tal no



Os textos considerados “jornalísticos”, por este viés, diferem-se dos de natureza literária, por exemplo, à medida que

- a) Encontram-se alicerçados no relato de acontecimentos, que por sua vez se baseiam da realidade como ela se apresenta, ainda que, ao fazê-lo, reconstruam esta mesma realidade.
- b) São construídos a partir de lógicas discursivas que consideram em seu enunciados, em primeiro lugar, o inusitado (singular) do acontecimento; mas também a relação deste com o todo em que se insere (universal) e, finalmente, o que lhe difere dos demais acontecimentos (particular) de natureza semelhante (GENRO FILHO, 1988).

Observamos um deslocamento do trabalho jornalístico quando este se inscreve em um livro-reportagem, ou, ainda, uma biografia de natureza jornalística, devido aos recursos que se utiliza para este propósito. Como observou Gritti (2008), usualmente a narrativa da imprensa, em especial aquela do dia-a-dia, mais voltada ao factual, estabelece-se a partir de uma espécie de “jogo metanarrativo”, que por sua vez se estabelece na relação entre quem narra e as fontes da informação.

Citando Roman Jakobson, Gritti afirma que este “jogo” integra ao mesmo tempo duas das funções atribuídas à linguagem: metalinguística, ou deciframento das informações; e referencial, que lhe projeta ao contexto, à realidade. Neste sentido, o texto só existe a partir de a) uma fonte de informação, que lhe legitime, e b) um narrador (repórter), que decifre e torne público (por meio de um jornal, por exemplo) o contexto em que o acontecimento se verifica.

Não é o que se verifica, por exemplo, no livro “A Sangue Frio”, de Truman Capote, segundo Wolfe (2005), um dos ícones do “New Journalism” norte-americano. Nele, Capote parte de uma nota publicada no jornal The New York Times para construir uma vigorosa e complexa narrativa a respeito de uma família de fazendeiros assassinada no interior do país por dois criminosos. Truman batizou seu livro de “romance sem ficção”, à medida que seu conteúdo remete, antes, à literatura que ao jornalismo.

Dito isso, caminhemos para as considerações finais.



3 Considerações finais

Nas reflexões realizadas neste artigo, que se inserem no percurso de trabalho dos pesquisadores ligados ao grupo “Jornalismo e literatura: narrativas reconfiguradas”, ligados ao Departamento de Comunicação e ao PPG Letras da Unisc, buscamos observar algumas complexificações que se estabelecem à prática jornalística quando esta é midiaticizada. Entre essas características narrativas, chama-nos atenção, em particular a dialogia. Mais que uma hibridização entre diferentes campos, tem-se a instauração de uma nova realidade sócio-discursiva, que reconfigura lugares.

No contexto jornalístico, esse movimento ocorre quando o jornalismo busca, na narrativa literária, os elementos que necessita para dar conta de seus enunciados, e estabelecer, dessa forma, identidade frente aos demais campos sociais. Ao fazê-lo, afeta dialogicamente tanto o que é do jornalismo como da literatura. A face mais visível dessa mudança, que nos interessa particularmente, à medida que interfere na formação dos alunos de jornalismo, é a emergência de pelo menos dois formatos de texto: os livros-reportagem e as biografias de natureza jornalística.

Apesar de serem imbricações existentes há oito séculos, é notável a intensidade com a qual esses dois fenômenos aparecem em tempos de sociedade midiaticizada. É necessário compreender essas alterações para possuímos condições de observar, com alguma propriedade, o que ocorre no jornalismo. Dessa forma, é possível reunir instrumentos para lidar com tais transformações, que vão além da simples mescla de jornalismo e literatura.



REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BRUCK, Mozahir Salomão. **Biografias e literatura: entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009.
- BRUCK, Mozahir Salomão. **Biografias e literatura: entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2010.
- CAPOTE, Truman. **A sangue frio: relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas conseqüências**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. Porto Alegre: Editora Tchê, 1988.
- GRITTI, Jules. Uma narrativa de imprensa: Os últimos dias de um “Grande Homem”. In: BARTHES, Roland (Et al.). **Análise estrutural da narrativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- IASBECK, Luiz Carlos Assis. Identidade. In: MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.
- JONHSON, Alan. **Dicionário de Sociologia – Guia Prático da Linguagem Sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- LOPES, Ana Cristina M.; REIS, Carlos. (org.) **Dicionário de teoria narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.
- MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Estação de embarque**. Disponível em: [<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=509AZL004>] Acesso em: [10 de fevereiro de 2011]
- PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2009.
- SOSTER, Demétrio de Azeredo. (2009), **O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiática e a reconfiguração dos sentidos midiáticos**. São Leopoldo: Unisinos, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- SOSTER, Demétrio de Azeredo. (2009-a), **Auto-referência e co-referência nas páginas do jornal Folha de S.Paulo**. In: 7º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo, 2009-a, São Paulo. Anais.
- SOSTER, Demétrio de Azeredo. (2008), **Midiatização, a terceira descontinuidade do jornalismo**. In: 6º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo, 2008, São Bernardo do Campo. Anais.
- VIEIRA FERREIRA, Wilson Roberto. Entretenimento. In: MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.



VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.